

5

Conclusão

Após a leitura analítica dos dois romances, é possível tecer alguns fios. Outros ficarão soltos, à espera do tempo certo para se entrelaçarem. Afirma-se isso na perspectiva de que as conclusões não são definitivas, e sim provisórias. Longe de ser um fechamento, a conclusão significa estágios temporários de algumas idéias que se ressaltaram mais.

Ao transitar pelo espaço angolano através dos olhares de Lobo Antunes e de Pepetela, foi possível perceber que a colonização não foi um movimento de mão única, segundo Margarida Calafate¹⁴⁹. Tanto colônias quanto metrópoles foram afetadas por esse fenômeno, o que não significa dizer que a descolonização toma o mesmo sentido para ambos. Uma complexidade de fatores, abrangendo o econômico, passando pelo sociopolítico e chegando ao histórico-cultural, determina representações diferenciadas de acordo com cada lugar.

Os angolanos confrontam-se, após a independência, com graves problemas políticos. Em lugar de uma nação unida, encontram um país dividido entre socialistas e capitalistas. Nessa contenda fratricida, o fator ideológico grita mais alto que os laços de parentesco, desestruturando organizações comunitárias das aldeias, que representam o núcleo social através da tradição familiar. No romance de Pepetela, os irmãos Luzolo e Kanda, após entrarem para o exército em lados opostos, semeiam um ódio mortal entre si, e, mesmo finda a guerra, ainda se consideram inimigos. Reatar esses laços, que foram perdidos na busca do sonho de um país mais justo e democrático, é o que Muari (a mãe dos jovens) expressa em toda a narrativa, deixando ao futuro uma interrogação. Retomando-se à metáfora da mãe como pátria, pode-se dizer que esse é um desejo da mãe África: o de que seus filhos, perdidos em rivalidades consangüíneas, unam-se.

Por outro lado, o tão almejado sonho da cidade igualitária é desfeito na ida de Munakazi a Calpe. Lá ela descobre a miséria, a morte, a prostituição e inúmeras cenas lúgubres expostas em cada canto da cidade. O paraíso que pensava encontrar transforma-se diante de seus olhos em um inferno. Essa mesma África

¹⁴⁹ RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos**, *cit.*.

irascível está presente na narrativa de Lobo Antunes. Os personagens africanos apresentados no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* são ambiciosos e inescrupulosos com a riqueza local. Marina e o tio, por meio do comércio ilegal de diamantes, espoliam o país, acirrando o clima de corrupção e degradação moral que se instalou em Angola depois da descolonização.

Como saída dessa situação degradante, Ulume recorre à tradição na simbologia do cágado. Entretanto, o fantasma do hibridismo o acompanha. O medo de que a modernidade elimine de vez a cultura preservada persegue Ulume ao longo da narrativa. Assim, ele revitaliza as tradições a fim de mantê-las vivas e fortalecidas para a construção identitária dos povos angolanos, seja para um projeto de nação e / ou, agora mais do que nunca, para fazer frente a um novo confronto cultural, que se avista com a globalização.

Sem entrar no mérito da questão, deseja-se chamar a atenção para a problemática de uma globalização que está às portas de cada país a devorar as identidades nacionais. De que maneira pode haver articulação com a cultura mundial sem se perder as referências locais? Essa indagação é compartilhada por Abdala Júnior, que, em seus textos, expressa a preocupação com a mescla cultural, pois, para ele, ela pode tanto enriquecer debates, como também justificar arbitrariedades e autoritarismos.

Considera-se, sob um ponto de vista que ao mesmo tempo embasa e decorre dessa dissertação, que questões como essas devem estar na pauta de discussões de países não-hegemônicos e periféricos como Angola, Brasil e Portugal (lembrando de que Boaventura Sousa Santos trata Portugal como um país semiperiférico). Não se trata de manter um purismo cultural. Isso é utópico, como se viu com Said; porém, as referências identitárias precisam ser preservadas – não com uma rigidez de fronteiras capaz de alimentar fundamentalismos, mas permitindo um hibridismo que interprete a cultura respeitando as diferenças.

A dinâmica do colonialismo estabelece relações assimétricas de poder, dividindo o mundo entre “centro” e “periferia” e criando fronteiras de exclusão. Essa divisão funda o conceito de superior e inferior, em que o colonizador, numa atitude etnocêntrica, impõe seus valores e, quando não consegue a hegemonia cultural, despreza a cultura do colonizado considerando-a inferior (esquecendo-se

de que de certa forma ele também se vê influenciado por uma cultura que rejeita). Esse olhar depreciativo mantém-se mesmo depois da descolonização. Assim se reportam a Angola os Agentes protagonistas do romance de Lobo Antunes, discriminando as expressões culturais angolanas.

No contexto de um multiculturalismo que se atrai e se repele simultaneamente, o diálogo intercultural não dá conta de compreender a dinâmica implícita nos dois lados constitutivos. Conceitos como o de transculturação de Fernando Ortiz são mais pertinentes. Nessa concepção, os segmentos modificam-se para gerar nova configuração identitária, na qual se negocia com a nova cultura sem medo de ser assimilado e de perder a própria identidade. Reunindo a transculturação de Ortiz à proposta de circulação cultural comunitária de Abdala Júnior, talvez se tenha nessa articulação uma alternativa para que os países lusófonos enfrentem a globalização neoliberal. Na permeabilidade cooperativa das fronteiras múltiplas, encontram-se elementos apropriados para se instituir um núcleo resistente à competitividade e à exclusão, núcleo em que as aproximações supranacionais de países não-hegemônicos se potencializem em estratégias de oposição cultural e política.

Com esse olhar de aproximação cultural, entende-se a escolha da África como o *locus* do romance de Lobo Antunes. Trazer as questões angolanas para perto dos portugueses é fazê-los acordar do sonho imperial, despertando os obstinados pela ideologia imperialista, como os Agentes do romance de Lobo Antunes, a fim de que reconheçam a soberania nacional da antiga colônia. A isso se somam os novos desafios que a entrada na Comunidade Européia lhes impõe.

Ao se desmistificar o discurso colonialista, os portugueses precisam olhar para dentro de sua casa e se deparar com os problemas escamoteados. Precisam resolver questões como a dos regressados que se sentem desterritorializados e solucionar a imigração negra que ocupou a periferia de Portugal. Essas são apenas algumas das dificuldades que a realidade portuguesa pós-colonização apresenta. Pensar nesses problemas implica atitudes de justiça social. Em síntese, a situação traduz-se em incluir no espaço português os socioeconomicamente excluídos. Essas questões colocam como imperativo um novo pensar à nação portuguesa.

Lobo Antunes e Pepetela, em suas obras, exploram a escrita da guerra colocando portugueses e angolanos num plano histórico e político onde um passado precisa ser retomado a fim de se repensar o futuro. No romance de Lobo Antunes, as vozes angolanas e portuguesas dialogam entre si, falam de perdas, de temores insepultos, de intransigências, numa tentativa de desfazer os nós que definiram uma relação intercultural de submissão.

Em Pepetela, a voz africana fala de utopias, de rivalidades, de medos, numa retrospectiva histórica buscando (re)construir uma nação. São vozes que anseiam por um amanhã, mesmo que indefinido.

Em meio ao clima nefasto da guerra, o amor aparece como alternativa. Em Lobo Antunes, Marina envolve-se com um dos agentes, o Seabra. Dessa relação nasce um filho, do qual não se sabe o paradeiro. Buscando uma leitura a partir dessa metáfora, pode-se dizer que um novo relacionamento entre portugueses e angolanos é admissível, mas as conseqüências desse relacionamento são desconhecidas.

Em Pepetela, o amor aparece no romance como um componente responsável pelas mudanças. Simbolizado pela granada, o amor chega através de Munakazi, apontando para a divisão em que se encontra o país. O amor expressa, ao mesmo tempo, a rivalidade existente no país e a ruptura entre a tradição e a modernidade.

O mais importante parece ser o fato de que se está diante de duas narrativas que apontam para expectativas futuras: uma menos otimista que a outra, mas isso não importa. O fato é que há nelas uma crença subjacente e infinita – seja no lirismo de Lobo Antunes ou no sonho de Pepetela.